

AS AVENTURAS DA CHINA IRON



# *As aventuras da China Iron*

*Gabriela Cabezón Cámara*

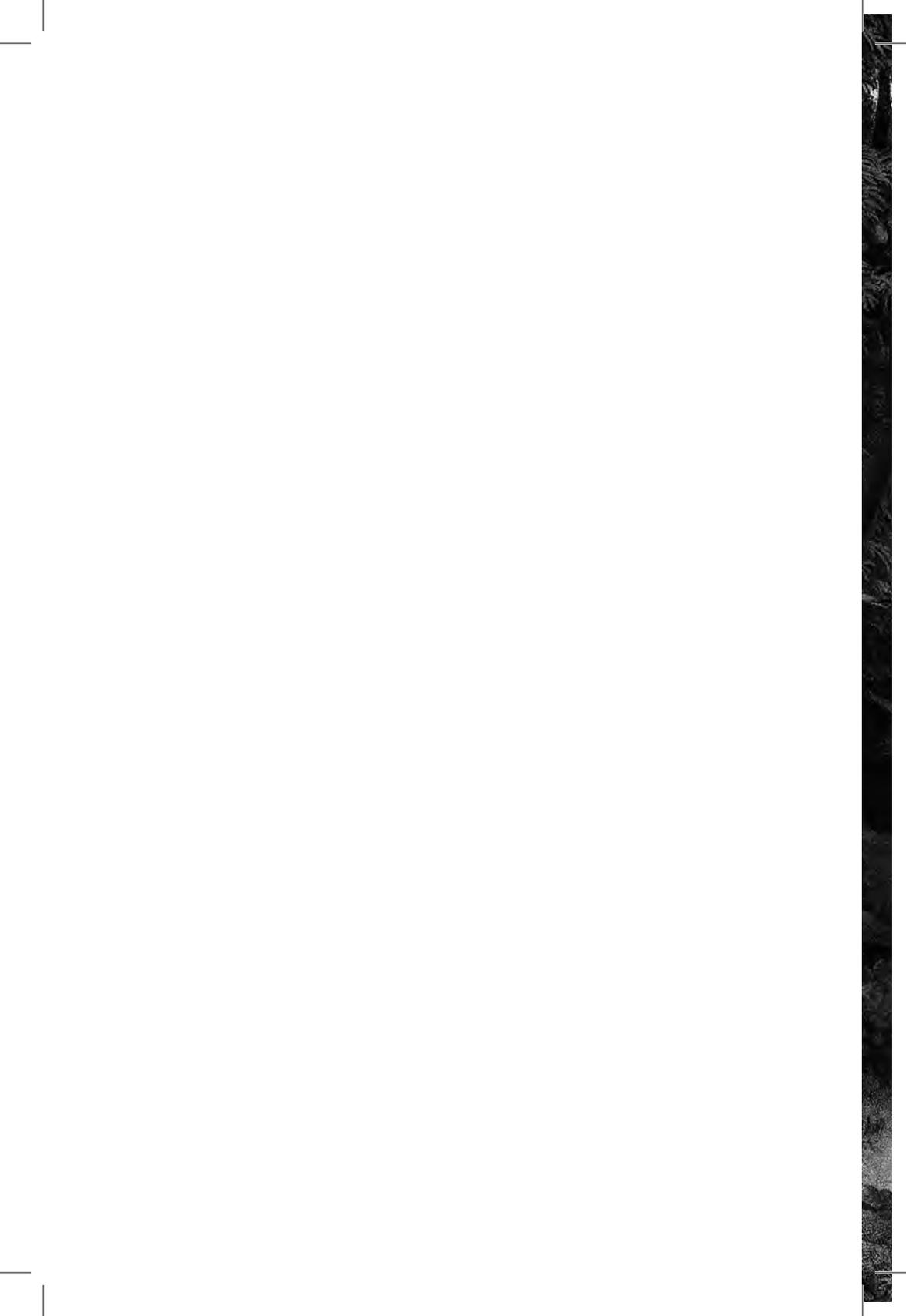
*traduzido por*  
***Silvia Massimini Felix***

*finalista do*  
*The 2020 International Booker Prize*



*Para Karina Chowanczak  
e Lola Cabezón García*

*Para Natalia Brizuela*





PRIMEIRA PARTE

# O DESERTO



## Foi o brilho

Foi o brilho. O filhote pulava, luminoso, entre as patas poeirentas e ressecadas dos poucos cachorros que restavam por lá: a miséria alenta as rachaduras, esculpe-as; vai destroçando devagar, nas intempéries, a pele dos que nascem dela; transforma-a em couro seco e a esquarteja, impõe uma morfologia às suas criaturas. Mas ao filhote ainda não, ele irradiava a alegria de estar vivo, uma luz não atingida pela triste opacidade de uma pobreza que era, tenho certeza, mais falta de ideias do que de qualquer outra coisa.

Fome não tínhamos, mas tudo era acinzentado e polvorento, tudo era tão embaciado que quando vi o cãozinho soube o que queria para mim: algo radiante. Não era a primeira vez que eu via um filhote, inclusive já tinha parido minhas crianças, e não é que a planície nunca centelhasse. Refulgia com a água, revivia mesmo quando se afogava, toda ela perdia a monotonia, pululava de grãos, toldeiras, índios em movimento, cativas libertadas e cavalos que nadavam levando seus gaúchos no lombo, enquanto à sua volta os dourados pulavam, velozes como raio, e disparavam para o fundo do rio, em meio à correnteza transbordante. E em cada fragmento desse rio que devorava suas próprias margens se espelhava um pouco do céu, e não parecia certo ver tudo aquilo, como o mundo inteiro era arrastado para uma voragem barrosa que caía lentamente e ia espiralando suas centenas de léguas rumo ao mar.

Primeiro lutavam homens, cachorros, cavalos e bezerros, fugindo daquilo que asfixia, daquilo que suga, da violência da água que nos mata. Algumas horas depois já não havia peleja, a manada se estendia ao longo do rio, chimarrão como o próprio rio era aquele gado já perdido, arrastado em vez de pastoreado, cambalhotando os carneiros e tudo o mais: as patas para cima, para a frente, para baixo, para trás, como piões em rotação; avançavam velozes e juntos, entravam vivos na água e saíam dela como quilos de carne putrefata. Era uma correnteza de vacas numa veloz queda horizontal: assim caem os rios na minha terra, com uma velocidade que ao mesmo tempo é um afundar-se, e assim volto ao pó que desde o início opacava tudo, e ao resplendor do cachorrinho que vi como se nunca tivesse visto algo assim e como se nunca tivesse visto as vacas nadadoras, nem seus couros relumbrantes, nem toda a planura refulgindo a luz como uma pedra banhada pelo sol do meio-dia.

Vi o cachorro e desde então não fiz outra coisa além de procurar aquele brilho para mim. Para começar, fiquei com o filhote. Chamei-o Estreya e assim ele continua se chamando, apesar de eu mesma ter mudado de nome. Eu me chamo China, agora Josephine Star Iron e Tararira. Daquela época conservo apenas, e traduzido, o Fierro, que nem sequer era meu, e o Star, que escolhi quando escolhi Estreya. Chamar, não me chamava: nasci órfã — isso é possível? —, como se tivessem me dado à luz as violetas rasteiras que suavizavam a ferocidade dos pampas, pensava eu quando escutava o “é como se o mato tivesse te parido” falado por aquela que me criou, uma negra enviuvada um pouco mais tarde pelo fio da navalha do besta do Fierro, meu marido, que talvez não estivesse enxergando de tão bêbado e o matou porque era negro,

só isso, porque podia, ou talvez, e eu gosto de acreditar nisso mesmo sendo ele quem era, o tenha matado para enviudar a Negra que me maltratou durante metade da minha infância como se eu fosse sua escrava.

Eu era sua escrava: a escrava de uma Negra durante metade da infância e depois, que foi muito logo, entregue ao gaúcho seresteiro em sagrado matrimônio. Acho que o Negro me perdeu num jogo de truco regado a cachaça na tapera que chamavam de pulperia, e o cantor já me queria, e como me achou muito menina quis contar com a permissão divina, um sacramento para me possuir com a bênção de Deus. Fierro se atirou em cima de mim, e antes de eu completar catorze já lhe dera dois filhos. Quando o levaram, e levaram quase todos os homens do pobre casario que não tinha nem igreja, fiquei tão sozinha como devia estar quando nasci, sozinha de uma solidão animal, pois só as feras podem transpor certas distâncias nos pampas: uma bebê loira não caía assim do nada nas mãos de uma negra.

Quando levaram o besta do Fierro, como todos os outros, levaram também o gringo da “Inca-la-perra”, como cantou depois o trocista, e permaneceu ali no povoado aquela ruiva, Elizabeth, depois eu saberia seu nome, saberia para sempre, no intento de recuperar seu marido. Com ela não acontecia o mesmo que passava a mim. Jamais pensei em ir atrás de Fierro e muito menos arrastando seus dois filhos. Eu me senti livre, senti como se cedesse o que me aprisionava e deixei as crianças com o casal de peões velhos que tinha ficado na estância. Menti para eles, disse que ia resgatar Fierro. Se o pai voltasse ou não, não me importava na época: eu estava com uns catorze anos e tivera a delicadeza de deixá-los com velhos bons que os chamavam pelo nome, muito mais do que eu jamais havia tido.

A falta de ideias me mantinha presa, a ignorância. Eu não sabia que podia andar solta, não soube até que isso aconteceu e me respeitaram quase como uma viúva, como se Fierro tivesse morrido numa gesta heroica, até o capataz me deu seus pensamentos na ocasião, os últimos dias da minha vida como china, dias nos quais passei fingindo uma dor que era tanta felicidade que eu corria léguas desde o casario até chegar a uma das margens do rio marrom, então me despia e gritava de alegria chapinhando no barro com Estreya. Deveria ter suspeitado, mas foi muito depois que eu soube que a lista de gaúchos que a leva levou havia sido feita pelo capataz, que a mandara ao fazendeiro, que a mandara ao juiz. O covarde do Fierro, meu marido, charlatão como poucos, a esse respeito nunca cantou nada.

Eu, se tivesse sabido, teria feito chegar a eles meu agradecimento. Não houve tempo. Apenas pela cor, porque eu tinha visto poucos brancos e abrigava a esperança de que ela fosse minha parenta, subi na carroça de Elizabeth. E deve ter acontecido algo assim com ela também, porque deixou que eu me aproximasse, eu, que tinha menos modos que uma mula, menos modos que o cachorrinho que me acompanhava. Ela me olhou com desconfiança e me passou um copo com um líquido quente e me disse “tea”, como adivinhando que eu não conheceria a palavra e tendo toda razão. “Tea”, ela me disse, e isso que em espanhol soa como uma oportunidade de receber, “a ti”, “para ti”, em inglês é uma cerimônia cotidiana, e esse foi meu primeiro contato com uma palavra nessa língua que talvez tivesse sido minha língua materna e é o que tomo hoje enquanto o mundo parece ameaçado pelo negror e pela violência, pelo ruído furioso do que não é nada mais que uma tormenta dentre as muitas que agitam este rio.

## A carroça

É difícil saber o que se recorda, se o que foi vivido ou o relato que se fez e se refez e se poliu como uma gema ao longo dos anos, quero dizer, o que resplandece mas está morto, como morta está uma pedra. Se não fosse pelos sonhos, pelos pesadelos em que sou outra vez uma menina encardida e sem sapatos, dona de apenas dois trapos e um cachorrinho que é um amor, se não fosse pelas batidas que sinto aqui no peito, se não fosse por isso que me aperta a garganta nas poucas vezes que vou à cidade e vejo uma criança magra, descabelada e quase alheia, se não fosse, enfim, pelos sonhos e os tremores deste corpo, não saberia se é verdade isso que lhes conto.

Quem sabe que intempérie se refletiu em Elizabeth. Talvez a solidão. Ela tinha duas missões pela frente: resgatar o Gringo e se apoderar da estância que devia administrar. Para ela, cairia muito bem que a traduzissem, era conveniente contar com uma linguaraz na carroça. Um pouco foi isso, mas acho que foi muito mais. Lembro-me bem do seu olhar naquele dia: vi a luz naqueles olhos, ela me abriu a porta ao mundo. Estava com as rédeas nas mãos, indo sem saber muito bem para onde naquela carroça que tinha em seu interior uma cama e lençóis e copos e chaleira e talheres e anáguas e tantas coisas que eu não conhecia. Parei e a olhei de cima a baixo com a confiança com que Estreya me mirava de tanto em tanto quando andávamos juntos ao longo dos campos ou do campo — como saber quando usar o plural e o singular, nessa planície toda igual, se

dirimiu um pouco depois: começou-se a contar na época do arame farpado e dos patrões. Naquela época não, a fazenda do patrão era todo um universo sem patrão, andávamos pelo campo e às vezes nos olhávamos, meu cachorrinho e eu, e nele havia essa confiança dos animais, Estreya encontrava em mim uma certeza, um lar, algo que confirmava que para ele não haveria intempéries. Assim eu olhei para Liz, como um filhote, com a certeza louca de que, se ela me devolvesse um olhar afirmativo, já não haveria nada a temer. Houve um sim naquela mulher de cabelos vermelhos, uma mulher tão transparente que era possível ver seu sangue correndo pelas veias quando algo a alegrava ou aborrecia. Depois eu veria seu sangue congelado pelo medo, borbulhando de desejo ou fazendo sua cara ferver de ódio.

Estreya e eu subimos na carroça, Liz nos fez um lugar na boleia. Estava amanhecendo, a claridade se filtrava pelas nuvens, garoava, e quando os bois começaram a andar tivemos um instante que foi pálido e dourado e centelharam as minúsculas gotas de água que se agitavam com a brisa e foi verde como nunca a grama daquele campo e começou a chover forte e tudo fulgurou, inclusive o cinza escuro das nuvens; era o começo de outra vida, um augúrio esplendoroso era aquilo. Banhadas assim, nessa entranha luminosa, partimos. Ela disse “England”. E, naquele tempo, para mim essa luz se chamou light e foi a Inglaterra.

## Do pó viemos

Fomos lambidas por uma luz dourada em nossas primeiras horas juntas. Um *very good sign*, disse ela e eu entendi, não sei como a entendia em quase tudo quase sempre, e lhe respondi sim, há de ser um bom augúrio, Colorada, e cada uma repetiu a frase da outra até dizê-la bem, éramos um coro em línguas distintas, iguais e diferentes como o que dizíamos, a mesma coisa e no entanto incompreensível até o momento de dizê-la juntas; um diálogo de papagaios era o nosso, repetíamos o que a outra dizia até que das palavras não restava mais que o ruído, *good sign*, bom augúrio, *good augúrio*, bom sign, bem singúrio, bem singúrio, bem singúrio, acabávamos rindo, e então o que dizíamos se parecia com um canto que sabe-se lá aonde chegaria: o pampa é também um mundo feito para que o som viaje em todas as direções; não há muito mais que o silêncio. O vento, o estrilar de um que outro ximango e os insetos quando voam muito perto do rosto ou, quase todas as noites menos as mais inclementes de inverno, os grilos.

Partimos os três. Não senti que estava deixando nada para trás, apenas a poeira que a carroça levantava que era, naquela manhã, muito pouca; avançávamos devagar por uma velha trilha, um dos caminhos que os índios tinham feito quando iam e vinham livremente, até deixar a terra tão firme que continuava batida por todos aqueles anos, eu não sabia quantos, só que eram mais do que aqueles que eu já tinha vivido.

Em pouco tempo o sol deixou de ser dourado, deixou de nos lambar e se cravou em nossa pele. As coisas ainda faziam

sombra quase todo o tempo, mas o sol do meio-dia já começava a queimar, era setembro e o chão se rompia com o verde tenro dos brotos novos. Ela pôs na cabeça um chapéu e outro em mim, e foi então que conheci a vida ao ar livre sem bolhas na pele. E o pó começou a voar: o vento nos trazia o pó que a carroça levantava e todo o pó da terra ao redor ia cobrindo nossa cara, as roupas, os animais, a carroça inteira. Mantê-la fechada, preservar seu interior isolado do pó, compreendi logo depois, era o que mais importava para a minha amiga, e foi um dos meus maiores desafios durante toda a travessia. Perdemos dias espanejando cada coisa, era necessário disputar cada objeto com o pó: Liz vivia com o temor de ser tragada por aquela terra selvagem. Tinha medo de que ela devorasse todos nós, de que terminássemos fazendo parte dela como Jonas fez parte da baleia. Fiquei sabendo que a baleia era parecida com um peixe. Um pouco como um dourado mas cinza, cabeçudo e do tamanho de uma caravana de carroças e também capaz de levar coisas em seu interior, transportava um profeta essa baleia de Deus e sulcava o mar da mesma forma que nós duas sulcávamos a terra. Ela cantava um canto grave de água e vento, bailava, dava pulos e lançava vapor por um buraco que tinha na cabeça. Comecei a me sentir baleia movendo-me tão solta na boleia entre terra e céu: nadava.

O primeiro preço de tanta felicidade foi o pó. Eu, que tinha vivido inteira dentro do pó, que havia sido pouco mais do que uma das tantas formas que o pó assumia ali, que tinha sido contida por aquela atmosfera — a terra dos pampas também é céu —, comecei a senti-lo, a percebê-lo, a odiá-lo quando me fazia rechinar os dentes, quando se colava ao meu suor, quando me pesava no chapéu. Declaramos uma guerra a ele, embora sabendo que essa guerra, sempre a perdemos: do pó viemos.

Mas a nossa era uma guerra de cotidianos, não de eternidades.

## A China não é um nome

Assim que nos deparamos com a margem de um rio, a gringa deteve bois e cavalos e carroça e sorriu para nós dois. Estreya a rodeava balançando-se todo, desde o rabo até a cabeça, o amor e a alegria brotam em pequenas danças no meu cachorro. Elizabeth nos sorriu, enfiou-se dentro da carroça, eu ainda esperava sua permissão para entrar, ela não me deu, saiu imediatamente com uma escova e um sabonete, e sorrindo e com gestos carinhosos, tirou de mim meus trapos, tirou os dela, agarrou Estreya e nos enfiou a nós dois no rio, que não era tão marrom como o único que eu já tinha visto até aquele dia. Ela mesma também se banhou, aquela pele tão pálida e sarapintada que ela tem, o púbis laranja, os mamilos rosas, parecia uma garça, um fantasma feito de carne. Passou o sabonete pela minha cabeça, meus olhos arderam, eu ri, nós duas rimos muito, eu banhei do mesmo modo Estreya e, já limpos, ficamos chapinhando. Liz saiu antes, me envolveu com um pano branco, me penteou, me colocou uma anágua e um vestido e no fim apareceu com um espelho e então me vi. Eu nunca tinha me visto além do reflexo na água meio parada da lagoa, um reflexo atravessado de peixes e de juncos e caranguejos. Eu me vi e era parecida com ela, uma senhora, little lady, disse Liz, e comecei a me comportar como uma, e embora nunca tenha cavalgado de lado e logo depois começasse a usar as bombachas que o Gringo havia deixado na carroça,

naquele dia me fiz lady para sempre, mesmo galopando em pelo como um índio e degolando uma vaca de um só golpe.

A questão dos nomes também foi resolvida naquela tarde de batismos. “Eu Elizabeth”, disse ela muitas vezes e em algum momento eu aprendi, Elizabeth, Liz, Eli, Elizabeta, Elisa, “Liz”, me interrompeu Liz, e assim ficamos. “E nome de você?”, ela me perguntou naquela forma tão pobrezinha de falar que tinha na época. “A China”, respondi; “that’s not a name”, me disse Liz. “China”, teimei e tinha razão, assim me chamava aos gritos aquela Negra a quem depois meu animal enviuvava e assim me chamava ele quando costumava, como cantou depois, ir “nos braços do amor a dormir como a gente”. E também quando queria a comida ou as bombachas ou que eu lhe cevasse um mate ou o que fosse. Eu era a China. Liz me disse que ali onde eu vivia qualquer fêmea era uma china, mas além disso tinha um nome. Eu não. Não entendi naquele momento sua emoção, porque seus olhinhos azul-celeste quase brancos ficaram úmidos, ela me disse isso a gente pode consertar, em que língua será que ela me disse, como foi que a entendi, e começou a andar ao meu redor com Estreya pulando aos seus pés, deu outra volta e voltou a me olhar nos olhos: “Você gostaria de se chamar Josefina?”. Gostei: a China Josefina desafina, a China Josefina não cozinha, a China Josefina é china fina, a China Josefina remoinha. A China Josefina estava bom. China Josefina Iron, me nomeou, decidindo que, na falta de outro, seria bom que eu usasse o nome do infeliz do meu marido; eu disse que também queria usar o nome de Estreya; China Josephine Star Iron então; ela me deu um beijo na bochecha, eu a abracei, empreendi o complexo desafio de fazer fogo e assar carne sem queimar nem sujar meu vestidinho e consegui. Naquela noite, dormi dentro da

carroça. Era um rancho melhor do que minha tapera, tinha uísque, roupeiro, presuntos, biscoitos, biblioteca, bacon, umas lamparinas de querosene, Liz foi me ensinando o nome de cada coisa. E o melhor, o melhor na opinião de moça solitária, duas escopetas e três caixas cheias de cartuchos.

Eu me abracei a Estreya, que havia se recostado com Liz, submergi no cheiro de flores dos dois, tão recém-banhados todos nós, envolvi-me nos lençóis que tinham cheiro de lavanda, isso eu saberia muito depois, na hora pensei que o perfume era algo tão próprio do pano como a textura que me abrigou naquela noite e em todas as outras daquilo que seria, em grandes linhas e fazendo uma divisão um pouco extrema, o resto da minha vida. Senti o hálito de Liz, picante e suave entre os lençóis perfumados, e quis ficar ali, fundir-me naquele hálito, embora não soubesse como. Dormi em paz, feliz, contida por perfumes, algodões, cachorro, ruiva e escopeta.

## Tudo era outra pele sobre minha pele

Meu Estreya, cheio de cintilâncias, quase azul de tão preto, deixava de ser novo e aprendia quase tanto como eu. Crescíamos juntos: quando partimos, ele batia nos meus joelhos e eu batia nos ombros de Liz. Quando chegamos, e não sabíamos que estávamos chegando, ele batia na minha cintura e a mim não faltava muito para ser tão alta como ela. Lembro-me dele filhote, em posição de gentleman, sentado retinho com as orelhas baixas, os olhos concentrados, o focinho úmido, ainda hoje ele é candoroso quando se sente confiante no resultado dos seus bons modos. Eu vivia com um candor semelhante, embora começasse a conhecer um medo novo: se antes havia vivido temendo que a vida fosse aquilo, a Negra, Fierro, o rancho, agora temia que tudo acabasse: a viagem, a carroça, o cheiro da lavanda, a forma das primeiras letras, a bacia de porcelana, os sapatos com cadarços e saltos e todas as palavras em duas línguas. Tinha medo de que aparecesse no rosto de Liz a ira, ou algo mais fantasmagórico espreitando atrás de uma duna, as dunas começavam a aparecer, ou entre as raízes de um umbuzeiro ou entre os bichos que rompiam o silêncio na escuridão; os bichos dos pampas são noctâmbulos, emergem dos seus túneis e tocas quando a escuridão aparece. Medo de que algo me devolvesse à tapera e à vida de china, isso eu tinha sim.

Eu havia passado do cru ao cozido: o couro das minhas botinas novas era tão couro quanto o couro da sela de mon-

taria que Fierro tinha, mas não era o mesmo couro. O dos sapatos que Liz me regalou era bordô, era lustrado, era fino e se ajustava aos meus pés como outra pele. Não foram apenas os shoes e seu leather: foram os lençóis e o cotton, minha anágua de silk que era da China, a verdadeira China com chinas de verdade, os pullovers, a wool: tudo era outra pele sobre minha pele. Tudo era suave e era cálido e me acariciava e eu sentia uma felicidade a cada passo, toda manhã quando vestia a anágua, e por cima dela o vestido e o pulôver, eu me sentia por fim completa ali no mundo como se até então tivesse vivido nua, mais que isso, desolada. Só então senti o golpe. Os golpes de dor da vida à intempérie, antes de estar enroupada nesses panos. Senti uma espécie de amor louco pelos meus vestidos, pelo meu cachorro, pela minha amiga, um amor que eu vivia tanto com felicidade quanto medo, medo de que se rompessem, de perdê-los, um amor que me expandia e me fazia rir até que me faltava o ar e também me contraía o coração e se tornava uma solicitude extrema em relação ao cachorro e à mulher e aos vestidos, um amor com vigília de escopeta. Eu era tão feliz quanto infeliz e isso era muito mais do que qualquer coisa que já tinha sentido.

Wool usei muita, porque partimos no início da primavera e ainda fazia frio, e acho que não contei ainda que íamos Terra Adentro, para o deserto.